Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços

João Costa (Univ. Nova de Lisboa), Denilda Moura (Univ. de Alagoas), Sandra Pereira (CLUL) e Conceição Araújo (Univ. Maranhão)

1. Introdução.

Nas variedades europeia e brasileira do português, a expressão *a gente* exibe o comportamento de pronome. Tal como discutido em Menuzzi (1999, 2000), esta forma pronominal é particularmente interessante, uma vez que os seus traços gramaticais e semântico-discursivos não são idênticos. Do ponto de vista gramatical, esta forma está especificada como terceira pessoa do singular feminino. Em termos semântico-discursivos, *a gente* funciona como um pronome de 1ª pessoa do plural. Menuzzi (1999, 2000) mostra que ambos os traços estão activos na gramática, o que é visível na selecção de formas pronominais ligadas pelo pronome *a gente*. Se *a gente* ligar uma forma pronominal localmente, a forma seleccionada é uma anáfora de terceira pessoa do singular, como em (1):

(1) a A $gente_i$ viu-se_i no espelho.
  b *A $gente_i$ viu-nos_i no espelho.

Se a relação de ligação não for local, a forma seleccionada concorda com os traços semântico-discursivos e não com os traços gramaticais:

(2) a. A $gente_i$ disse que o Paulo nos_i viu.
  b. *A $gente_i$ disse que o Paulo {se_i/a_i} viu.

Hipoteticamente, seria possível seguir a hipótese de Chomsky (1986, 1995), de acordo com a qual a forma anafórica concorda com o núcleo flexional do domínio em que se encontra e no qual verifica os seus traços. Dado que I é uma categoria gramatical, espera-se encontrar concordância gramatical no domínio local apenas. Neste artigo, mostraremos que uma hipótese baseada em concordância ou verificação de traços a nível local não é facilmente sustentável, uma vez que os dois tipos de concordância podem ser encontrados a nível local.

Os dois tipos de concordância a nível local encontram-se em construções em que *a gente* concorda com uma forma adjectival ou participial. Neste contexto, é possível encontrar três estratégias diferentes:

a) Em Português do Brasil, é seleccionada uma forma no masculino singular ou no feminino singular:

(3) a. A gente estava cansado.
  b. A gente estava cansada.

b) Em Português Europeu, são encontrados todos os padrões possíveis:[1]

(4) a. A gente estava cansados.
b. A gente estava cansadas.
c. A gente estava cansado.
c. A gente estava cansada.

A quarta opção é usada se o referente de *a gente* só contiver elementos femininos. As opções (4a,b,c) são as mais problemáticas para a teoria de verificação de traços de Chomsky (1993, 1995), uma vez que no mesmo domínio local, *a gente* desencadeia concordância gramatical e semântico-discursiva. Mostraremos, neste artigo, por que motivo uma análise em termos de verificação de traços não explica facilmente este problema e colocaremos algumas hipóteses de solução.

2. *A gente* como pronome.

A expressão *a gente* substitui a forma pronominal de primeira pessoa do plural *nós* nas variedades portuguesa e brasileira do português. Em ambas as variedades, esta expressão exibe comportamento de pronome, conforme demonstrado em Menuzzi (1999, 2000). Os dados seguintes mostram que a expressão *a gente* respeita o princípio B da Teoria da Ligação, devendo ser livre no seu domínio de regência, podendo ser ligada fora desse domínio:

(5) a. *[Eu e o Pedro]$_i$ vimos a gente$_i$.
b. [Eu e o Pedro]$_i$ dissemos que a gente$_i$ adorou a festa.

As frases em (6) e (7) mostram que a expressão *a gente* tem um comportamento semelhante ao pronome de primeira pessoa do plural *nós* para efeitos de ligação e para efeitos de violação do princípio C:

(6) a. [Eu e o Pedro]$_i$ dissemos que a gente$_i$ adorou a festa.
b. [Eu e o Pedro]$_i$ dissemos que nós$_i$ adorámos a festa.

(7) a. *A gente$_i$ viu [a mim e ao Pedro]$_i$.
b. *Nós$_i$ vimos [a mim e ao Pedro]$_i$.

Na variedade europeia, em que o princípio Avoid Pronoun (Chomsky 1981) é operativo, ambas as formas *nós* e *a gente* são evitadas na posição de sujeito encaixado co-referente com o sujeito subordinante, excepto se houver ênfase (Montalbetti 1984):[2]

(8) a. Nós achamos que somos felizes.

[1] Em trabalho posterior ao apresentado neste colóquio (Prereira (2000)), os dados do português europeu foram testados e quantificados, tendo em conta diferentes domínios de localidade, tendo sido encontrada uma forte preferência pelo padrão de concordância com a forma adjectival ou participial no masculino do plural.
[2] O contexto de ênfase no sujeito encaixado favorece uma frase como (5b) em português europeu.

b. A gente acha que é feliz.

Menuzzi (1999,2000) mostra ainda que, tal como os pronomes não podem ser modificados por um adjectivo, assim também a expressão *a gente* não pode ser modificada adjectivalmente:

(9) a. *Nós felizes fomos à praia.
b. *Eu feliz fui à praia.
c. *A gente feliz foi à praia.

A frase (9c) só é gramatical na interpretação em que *a gente* não tem interpretação de primeira pessoa de plural, mas sim uma interpretação literal em que significa *as pessoas*.[3]

Tal como os pronomes, a expressão *a gente* pode receber uma interpretação referencial, como nos exemplos acima, ou arbitrária, como na frase (10):

(10) A gente tenta sempre fugir ao fisco.

Apesar de ter comportamento de pronome, esta expressão apresenta uma particularidade. Ao contrário da forma pronominal *nós*, cujos traços semântico-discursivos e os traços gramaticais convergem, *a gente* exibe um comportamento diferente: os seus traços discursivos são de primeira pessoa do plural, enquanto os traços gramaticais são de terceira pessoa do singular feminino:

		Traços semânticos	Traços gramaticais
(11)	*nós*	1ª pessoa Plural	1ª pessoa Plural
(12)	*a gente*	1ª pessoa Plural	3ª pessoa Singular

Os traços gramaticais de *a gente* manifestam-se na concordância verbal, como nas frases em (13):[4]

(13) a. A gente viu uma cobra.
b. ?A gente vimos uma cobra.

Menuzzi mostra que este comportamento é atestado noutras formas. A forma *vocês* em português, que substitui o pronome de segunda pessoa do plural *vós*, também exibe traços

[3] Uma diferença entre *a gente* e a forma pronominal *nós* verifica-se na variedade brasileira em que é possível a combinação com um numeral apenas com *nós*:
(i) a. Nós dois fomos à praia.
b. *A gente dois foi à praia.

[4] Comentaremos em seguida alguns exemplos de concordância entre *a gente* e o verbo na primeira pessoa do plural.

semânticos e gramaticais discordantes. Semanticamente, *vocês* é uma forma de segunda pessoa do plural, embora seja, do ponto de vista gramatical, uma forma de terceira pessoa do plural. Esta discordância de traços paralela ao descrito para *a gente* é saliente na frase (14), em que o aposto ao pronome mostra o referente semântico e a concordância verbal permite visualizar os traços gramaticais:

(14) Vocês, tu e a Maria, comeram as laranjas.

A frases em (15) evidenciam que um referente que não seja de segunda pessoa ou uma concordância não estabelecida na terceira pessoa do plural gera agramaticalidade:

(15) a. *Vocês, ele e ela, comeram as laranjas.
b. *Vocês, tu e a Maria, comestes as laranjas.

A forma pronominal *on* em francês exibe também um comportamento semelhante ao de *a gente* em português. Esta forma pode ser usada tendo como referente uma entidade de primeira pessoa do plural ou arbitrariamente, como pode ser visto nas frases (16) e (17):

(16) On se voit demain. on= eu e a Maria
on se vê amanhã
'A gente vê-se amanhã'

(17) On parle l'anglais ici. on= alguém
on fala inglês aqui
'Fala-se inglês aqui.'

Tal como *a gente*, a forma *on* em francês desencadeia obrigatoriamente concordância verbal na terceira pessoa do singular. A concordância na primeira pessoa do plural gera agramaticalidade. O padrão ilustrado em (18) reproduz exactamente o que acontece em português, conforme foi ilustrado em (13):

(18) a. On se voit demain.
on se vê amanhã
'A gente vê-se amanhã'
b. *On se voyons demain.
on se vemos amanhã

É possível observar que, tal como *a gente*, *on* comporta traços semânticos de plural, visíveis no redobro pelo pronome forte de primeira pessoa do plural, em (19) e pela concordância com um predicativo no plural. em (20):

(19) Nous, on va au cinema.

(20) On n'est pas des esclaves.

A semelhança de comportamento exibida entre *a gente* e outras expressões é importante para mostrar que a não convergência de traços gramaticais e semântico-discursivos não é uma idiossincrasia desta expressão.

3. *A gente* em relações de ligação.

Um aspecto bastante importante do trabalho de Menuzzi (1999, 2000) é o facto de ser demonstrado que os traços semântico-discursivos de *a gente* não são completamente irrelevantes do ponto de vista gramatical. Menuzzi observa que estes traços são relevantes na escolha de formas pronominais.

Se *a gente* e a forma pronominal co-referente estiverem num domínio local, a forma pronominal escolhida para expressar reflexividade é uma forma de terceira pessoa do singular, conforme ilustrado em (21):

(21) a. A $gente_i$ viu-se_i no espelho.
b. *A $gente_i$ viu-nos_i no espelho.

Este comportamento é esperado dado que todas as expressões concordam gramaticalmente: o pronome, o verbo e a forma anafórica encontram-se na terceira pessoa do singular. Menuzzi nota, contudo, que, se a relação de ligação não for local, a forma pronominal escolhida não é de terceira pessoa do singular, mas uma forma que concorda com os traços semântico-discursivos, ou seja, uma forma de primeira pessoa do plural. Este comportamento é ilustrado pelas frases em (22):

(22) a. A $gente_i$ viu uma cobra atrás de {?si_i\$nós_i$}.
b. A $gente_i$ disse que o Paulo {*a_i*o_i*se_i\nos_i} viu na cidade.
c. A $gente_i$ gosta do {??seu_i\$nosso_i$} livro.

Menuzzi defende, com base neste tipo de dados, que não se pode ter apenas em conta os traços gramaticais para explicar o que acontece em termos de ligação. Os traços semântico-discursivos também são relevantes, sendo possível estabelecer uma generalização como em (23):

(23) Num domínio local, *a gente* liga uma forma concordante em termos gramaticais.
Num domínio não-local, *a gente* liga uma forma concordante em termos semântico-discursivos.

Constituiria eventualmente contra-evidência à generalização apresentada em (23) uma frase como (24), em que *a gente* liga não-localmente uma forma de terceira pessoa do singular:

(24) A $gente_i$ disse que se_i viu no espelho.

Contudo, em PB, em que o princípio Avoid Pronoun não é muito operativo é possível verificar que o pronome sujeito da oração subordinada deve ser ou igual ao subordinante ou uma forma de primeira pessoa do plural, pelo que a frase (24) corresponderia a (25a), não contrariando a generalização formulada.

(25) a. A $gente_i$ disse que a $gente_i$ se_i viu no espelho.
b. A gente disse que nós nos vimos no espelho.
c. *A gente disse que {ela\ele} se viu no espelho.

Este comportamento das formas pronominais ligadas por *a gente* pode eventualmente receber uma explicação na linha do que é proposto em Chomsky (1986, 1995). De acordo com esta proposta, as formas anafóricas concordam com Infl, sendo movidas para I. Dado que em domínios locais, o sujeito concorda com I, é esperado que os traços gramaticais do sujeito, da flexão verbal e da forma anafórica concordem. Em domínios não-locais, como a forma pronominal não é movida para I, não se espera encontrar o mesmo tipo de concordância.

Na próxima secção, apresentamos evidência que levanta problemas para este tipo de proposta.

4. Concordância de adjectivos e particípios com *a gente*.

Se a hipótese formulada na secção anterior é válida, existe uma predição que é feita, nomeadamente a de que, em domínios locais, só é possível encontrar formas concordantes com os traços gramaticais de *a gente*. As construções predicativas e participiais constituem um domínio em que é possível confirmar ou infirmar a predição feita. Para uma construção como (26), são eventualmente possíveis quatro continuações:

(26) A gente estava...
a. cansado.
b. cansada.
c. cansados.
d. cansadas.

De acordo com a hipótese segundo a qual a forma anafórica local concorda com os traços gramaticais do sujeito devido ao papel desempenhado por I, a única solução prevista é a solução (26b), em que a forma participial\adjectival concorda com os traços gramaticais do sujeito.

Também numa perspectiva de verificação de traços, esta é a hipótese que seria gramatical. Os traços-phi do sujeito desencadeariam concordância com a forma adjectival ou participial, sendo posteriormente o sujeito elevado, entrando numa relação de Spec,head agreement com o núcleo flexional, conforme ilustrado em (27):

(27) $[_{IP}$ A $gente_{i\ [\phi]}$ [I $_{[\phi]}$ $[_{VP}$ estava $[_{SC}$ t_i cansada $_{[\phi]}$]

Dado que os dois processos de concordância, dentro da *small clause* e no domínio de I, são accionados pela mesma expressão, é esperável que o sujeito, I e o predicativo do sujeito concordem, da mesma forma que se conjectura que, para efeitos de ligação, o sujeito, I e a forma anafórica concordem.

Note-se que o padrão de concordância plena é o encontrado em casos em que não existe conflito entre as formas pronominais e a forma adjectival ou participial:

(28) a. Eu estava cansado.
b. Eu estava cansada.

(29) a. Tu estavas cansado.
b. Tu estavas cansada.

(30) a. Ele estava cansado.
b. Ela estava cansada.

(31) a. Nós estávamos cansados.
b. Nós estávamos cansadas.

(32) a. Eles estavam cansados.
b. Elas estavam cansadas.

No resto desta secção, serão apresentados dados do português europeu e do português brasileiro que infirmam a predição feita por esta hipótese.

4.1. Dados do PB

Em PB, existe variação dialectal no que diz respeito à concordância verbal exibida por *a gente*. Nos dados testados por Menuzzi (2000) com falantes do Rio Grande do Sul, *a gente* desencadeia sempre concordância de terceira pessoa do singular no verbo:

(33) RS:
a. *A gente vamos à festa.
b. A gente vai à festa.

Estudos sobre o fenómeno da concordância verbal na língua falada em Alagoas, na perspectiva da teoria da variação linguística (Moura 1998,1999), Santos (1999), Tavares Silva (1999) apresentam evidências de que a concordância verbal é uma regra variável (ver também Naro 1981, Scherre & Naro 1991, 1993, entre outros). Assim, é possível obter concordância entre o verbo e os traços semânticos da expressão *a gente* ou com os traços formais:

(34) AL:
a. A gente vai à festa.
b. A gente vamos à festa.

Embora o escopo deste artigo sejam os casos em que o verbo concorda com os traços formais de *a gente*, é interessante notar que os casos em que o verbo se encontra na primeira pessoa do plural podem constituir contra-exemplos para a análise de Chomsky (1986), segundo a qual as formas anafóricas são concordantes com Infl, uma vez que é possível a co-ocorrência de verbo na primeira pessoa do plural com uma forma anafórica no singular:

(35) AL:
a. A gente se conhecemos agora.
b. Vamos se classificar hoje.

Quando a gente co-ocorre com uma forma predicativa, a concordância no predicado é obrigatoriamente singular, havendo variação em género:

(36) AL:
a. A gente estava cansado.
b. A gente estava cansada.

Não são atestadas formas com concordância no plural:

(37) a. *A gente estava cansados.
b. *A gente estava cansadas.

Dados semelhantes são descritos em Lopes (1999).

4.2. Dados do PE[5]

Para o PE, foram encontrados dados com os seguintes padrões de concordância:

Feminino singular:
(38) E depois, ficámos contentes, que ele não quis que a gente ficasse zangada.

(39) Que a gente fica equivocada, e depois está muita gente, e não tinha, já não tinha cabeça.

Masculino singular:
(40) Quando a gente era pequenito e charros a gente era jeitoso para aquilo.

(41) A gente foi criado na lavoura e deu para investir em terras.

Feminino plural:
(42) Minha mãe que Deus haja, ia para a casa de uma tia minha, defronte ao hotel Porto Santo, e a gente ia, pequeninas, a gente ia.

(43) A gente estava fartas.

Masculino plural:
(44) A gente estava cansados.

(45) Quando a gente era pequenito e charros a gente era jeitoso para aquilo.

[5] Os exemplos que se seguem foram extraídos do CORDIAL-SIN (Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica). Os exemplos (44-46) foram extraídos do Corpus de Referência do Português Contemporâneo.

Apesar de serem observáveis todos os padrões de concordância, também são possíveis, tal como no dialecto de Alagoas, casos em que *a gente* concorda com o verbo na primeira pessoa do plural e selecciona uma forma anafórica de terceira pessoa:

(46) E é a vender algum peixe que ele traz e que partem, **a gente vamos** vender, para a ajuda do pão. […] A gente já vai

(47) A gente falou, falámos assim sobre de tudo, menos religião, tá claro, o gajo sim, depois começou lá umas aulas sobre sexo, que **a gente se escangalhamos** todos a rir, porque o gajo dava, dizia as palavras lá em científico

4.3. Problemas para a teoria de verificação de traços.

Os padrões de concordância encontrados revelam-se problemáticos para a teoria de verificação de traços, de acordo com a qual uma forma nominal verifica os seus traços-phi entrando em concordância com o predicado adjectival ou participial e com o verbo num mesmo domínio local.

Não consideraremos casos atestados em que *a gente* ocorre com uma forma verbal flexionada na primeira pessoa do plural, dado que, nesse contexto, a concordância no predicado é sempre plural:

(48) a. A gente estamos cansados.
b. A gente estamos cansadas.
c. *A gente estamos cansado.
d. *A gente estamos cansada.

De igual modo, preferencialmente, quando *a gente* co-ocorre com o verbo flexionado na primeira pessoa do plural, a forma anafórica mais frequente é a que concorda com a flexão.[6]

(49) PE:
a. A gente vimo-nos no espelho.
b. ??A gente vimos-se no espelho.

Parece-nos importante referir a ocorrência de *a gente* com morfologia verbal de primeira pessoa do plural, uma vez que a inexistência de variação na concordância no predicativo do sujeito parece evidenciar que estamos de facto perante um caso que envolve um processo

---

[6] Constituem contra-exemplo frases como (i), atestadas em PE, em que a forma verbal de primeira pessoa do plural co-ocorre com a forma *se*:
(i) A gente vamos-se embora.
É, no entanto, legítimo considerar que este *se* não é um verdadeiro pronome, encontrando-se reanalisado com a expressão adverbial, dada a atestação de enunciados como (ii):
(ii) s'embora?

gramatical de verificação de traços relacionados com a flexão. Se assim não fosse, esperaríamos encontrar tanta variação num caso como no outro.[7]

Vejamos para cada padrão de concordância encontrado a natureza do problema:

4.3.1. 'a gente' e predicado masculino plural.

Este primeiro padrão encontra-se em frases como (50):

(50) A gente viu-se aflitos.

Esta frase é particularmente interessante, uma vez que contém a anáfora que concorda com os traços gramaticais da forma pronominal e a forma adjectival que concorda com os traços semântico-discursivos. Para explicar este comportamento, é necessário assumir que *a gente* verifica os seus traços semânticos no domínio da *small clause*, enquanto os traços gramaticais só são relevantes para a verificação que opera no domínio de Infl.

Esta hipótese é problemática quando confrontada com os dados de ligação, dado que estes apresentam evidência clara para se dizer que os apenas os traços gramaticais são operativos nos domínios locais. Os problemas levantados por esta hipótese tornam-se mais óbvios quando se observa que num mesmo domínio se pode encontrar a forma participial discordante e a forma anafórica, como no exemplo acima e nas frases seguintes:

(51) a. A gente estava a pôr-se limpos.
b. *A gente estava a pôr-nos limpos.

(52) a. A gente ficou encantados de se ver.
b. *A gente ficou encantados de nos ver.

(52) constitui um problema mais óbvio que a frase anterior, dado que neste exemplo a forma anafórica não se encontra no domínio de Infl que desencadeia concordância verbal concordante em termos gramaticais com o pronome, sendo ainda assim uma forma de terceira pessoa do singular.

4.3.2. 'a gente' e predicado feminino plural.

Outra hipótese atestada é a de haver concordância com uma forma no feminino plural, como em (53):

(53) A gente estava cansadas.

[7] É possível supor que os casos de *a gente* com morfologia verbal de primeira pessoa do plural sejam construções que envolvem deslocação à esquerda do sujeito (Barbosa 1995), sendo a verdadeira posição de sujeito ocupada por um *pro* concordante com o verbo. A legitimidade desta hipótese passa por uma observação dos padrões de concordância obtidos entre o sujeito e o verbo em contextos de inversão. Outra hipótese de explicação do padrão de concordância com a flexão em primeira pessoa do plural será assumir que a expressão *a gente* é reanalisada com uma forma pronominal completamente idêntica a *nós* (Omena e Braga 1996:81)

Poder-se-ia pensar que, numa frase deste tipo, a concordância é parcialmente gramatical e parcialmente discursiva, uma vez que apresenta o género feminino de *a gente* e a marcação de pluralidade correspondente ao referente discursivo. Se assim fosse, este caso seria bastante problemático, dado que implicaria um sistema de verificação de traços em que traços-phi e traços semânticos concorrem para verificação numa mesma forma.

Contudo, frases como (53) só são usadas quando o referente é feminino. Assim, o pronome *a gente* em (54) pode ter a interpretação em (54a), mas não a de (54b,c):

(54) A gente$_i$ estava cansadas.
  a. i = Ana e Maria
  b. *i = João e Pedro
  c. *i = Ana e Pedro

Assim sendo, o caso em que a concordância desencadeada no predicado da *small clause* é feminino plural é idêntico ao caso em que a concordância é masculino plural, conforme descrito em 4.3.1. Em ambos os casos, estamos perante construções em que o pronome desencadeia concordância semântico-discursiva com o predicado participial ou adjectival. Em ambos os casos, portanto, o problema levantado para a teoria de verificação de traços é o de explicar por que razão em dois domínios locais os traços-phi seleccionados para verificação são diferentes e por que razão traços discursivos podem ter relevância para processos de concordância gramatical.

4.3.3. 'a gente' e predicado masculino singular.

A forma mais comum de concordância em PB é aquela em que a forma predicativa surge no masculino singular, como em (55):

(55) A gente estava cansado.

À primeira vista, este comportamento não é estranho, dado o generalizado enfraquecimento de concordância em PB (ver Galves 1993, entre outros). Há assim várias hipóteses de explicação deste padrão. Uma primeira hipótese predirá que esta forma corresponde à forma não marcada no PB. Assim sendo, assume-se que não é desencadeado qualquer processo de concordância a nível local entre o pronome *a gente* e a forma participial ou adjectival. Esta hipótese pode, no entanto, ser infirmada pelo facto de existir concordância em género neste tipo de construções em PB, como é ilustrado pelo seguinte contraste:

(56) a. Ela estava cansada.
  b. *Ela estava cansado.

Teria de ser explicado por que motivo a concordância só é enfraquecida com *a gente*. A segunda hipótese postula que a concordância se dá apenas em género e não em número.[8] Assim, este caso seria semelhante à frase *a gente estava cansados* em PE. Se esta for a explicação, este tipo de concordância tem os mesmos problemas identificados para a

---

[8] Lopes 1999 defende que *a gente* não é especificado para número. Traços de número formais e semânticos são subespecificados.

construção que envolve concordância com uma forma no masculino do plural (ver 4.3.1.). Como vimos, há discordância num mesmo domínio. Além disso, os traços de número não são subespecificados, uma vez que são visíveis em domínios não-locais.

A terceira hipótese possível é a de que o adjectivo/particípio esteja no masculino singular sem ser por defeito. Neste caso, a teoria de verificação de traços também encontra problemas, uma vez que o predicado da *small clause* concorda com os traços-phi do pronome em número, mas não em género.

4.3.4. 'a gente' e predicado feminino singular.

É bastante frequente em PE o padrão de concordância em que o predicado da *small clause* tem traços de feminino singular, como em (57):

(57) A gente estava cansada.

Conforme referimos acima, este padrão de concordância é o único que não se revela problemático para a teoria de verificação de traços. Dado que se sabe através dos dados de ligação que, no domínio local, apenas os traços gramaticais são relevantes, sendo impossível a ligação com uma forma que concorde com os traços semântico-discursivos, o padrão esperado é aquele em que a concordância entre *a gente* e outras formas no mesmo domínio também activa apenas os traços gramaticais. Assim, para todas as relações de verificação de traços no domínio local seriam apenas relevantes os traços gramaticais, conforme ilustrado em (58):

(58) $[_{IP}$ A gente$_{i\ [\phi]}$ $[$ I $_{[\phi]}$ $[_{VP}$ estava $[_{SC}$ t_i cansada $_{[\phi]}$ $]$

Apesar de a teoria de verificação de traços fazer predições correctas, não parece ser possível manter a hipótese de que em (58) estamos perante um caso de concordância gramatical plena. Uma observação detalhada dos dados revela que, sempre que este padrão de concordância emerge, o falante é feminino. Isto pode ser observado nos dados seguintes:

(59) a. E depois, ficámos contentes, que ele não quis que a gente ficasse zangada.
(Informante: Feminino)

b. Que a gente fica equivocada, e depois está muita gente, e não tinha, já não tinha cabeça.
(Informante: Feminino)

c. Quando a gente era pequenito e charros a gente era jeitoso para aquilo.
(Informante: Masculino)

d. A gente foi criado na lavoura e deu para investir em terras.
(Informante: Masculino)

e. Minha mãe que Deus haja, ia para a casa de uma tia minha, defronte ao hotel Porto Santo, e a gente ia, pequeninas, a gente ia.

(Informante: Feminino)

Note-se que o mesmo acontece em PB, o que confirma a hipótese de Lopes (1999), de acordo com a qual o predicativo apresenta traços de género variáveis, em virtude de a expressão *a gente* ser subespecificada relativamente aos traços de género. Assim, a concordância observada é de natureza semântica também em PB.
Dado este comportamento, parece-nos ser legítimo afirmar que as marcas de feminino singular no predicado da *small clause* não são um caso de concordância gramatical, mas um caso de concordância semântico-discursiva parcial com o referente do pronome *a gente*. Aceitando esta proposta, o padrão que se revelaria menos problemático para a teoria de verificação de traços levanta questões idênticas às dos casos em que a concordância se faz com uma forma no plural, com a agravante de não ser explicado claramente por que motivo a concordância semântico-discursiva não ser plena, na medida em que os traços de número não são completamente coincidentes com os traços discursivos. Teria de ser postulado que os traços discursivos são os relevantes para verificação, mas destes apenas o traço de género é verificado.

4.4. Síntese.

Resumindo, todos os padrões de concordância são problemáticos. Na tabela seguinte, apresentamos uma síntese dos problemas detectados:

Concordância	**Problema**
Masculino singular	❖ Activação parcial dos traços semântico-discursivos ❖ Irrelevância dos traços gramaticais no domínio local
Masculino plural	❖ Relevância dos traços semântico-discursivos ❖ Irrelevância dos traços gramaticais no domínio local
Feminino singular	❖ Traços gramaticais apenas aparentes ❖ Irrelevância dos traços gramaticais no domínio local
Feminino plural	❖ Relevância dos traços semântico-discursivos ❖ Irrelevância dos traços gramaticais no domínio local

Na próxima secção, indicaremos alguns caminhos que nos parecem viáveis para encontrar uma explicação para este conjunto de dados.

5. Hipóteses de análise.

Antes de sugerirmos algumas hipóteses de análise que nos parecem legítimas, gostaríamos de mostrar que não nos parece viável uma rejeição absoluta de uma qualquer versão da teoria de verificação de traços.

Note-se que, como referimos acima, há falantes que permitem concordância verbal de primeira pessoa do plural:

(60) A gente fomos para casa.

Neste tipo de construção, a forma anafórica seleccionada é sempre uma forma de primeira pessoa do plural, conforme ilustrado em (61), à excepção dos casos discutidos na nota 2 (e dos casos do dialecto de Alagoas e de algumas ocorrências em PE):

(61) a. A gente vimo-nos no espelho.
b. *A gente vimos-se no espelho.

Também a concordância encontrada nos predicados adjectivais e participiais é sempre plural, dependendo o género do referente de *a gente*:

(62) a. A gente estávamos cansados.
b. A gente estávamos cansadas.
c. *A gente estávamos cansado.
d. *A gente estávamos cansada.

Conforme referido acima, parece-nos viável para este tipo de construção quer uma análise em termos de deslocação à esquerda do sujeito, conforme proposto em Barbosa (1995), o que explicaria o padrão de concordância verbal, numa análise do tipo da ilustrada em (63), quer uma análise que postule que o pronome *a gente* é reanalisado com uma forma pronominal de primeira pessoa do plural semelhante a *nós*:

(63) [A gente]$_i$ [$_{IP}$ vamos$_j$ [$_{VP}$ pro$_i$ t$_j$ para casa]]

pro = 1^a pessoa do plural

Ainda assim, estas construções mostram que a flexão desempenha um papel crucial quer na escolha da forma pronominal, quer no padrão de concordância encontrada no predicado da *small clause*. Por este motivo, não nos parece legítima uma posição que postulasse que os problemas referidos para a teoria de verificação de traços conduzem a uma rejeição da teoria.[9]

Assim, a questão é saber como alterar a teoria de verificação de traços de forma a explicar os padrões de concordância encontrados.

Há várias hipóteses que nos parecem interessantes seguir em trabalhos futuros:

a) *Autonomia de domínios:*

Os problemas identificados prendem-se todos com uma assunção feita: a de que o que conta como domínio local para a selecção da forma pronominal ou anafórica é o mesmo domínio relevante para a verificação de traços de concordância na forma predicativa. Pode-se eventualmente tentar formular uma definição de domínios nos seguintes termos:

[9] Note-se que uma hipótese que não estamos a considerar é a de estes dados corresponderem de facto a contextos em que a teoria de verificação de traços é violada. Eventualmente, isto explicaria a dificuldade dos falantes em emitirem juízos de gramaticalidade, bem como o facto de muitos falantes evitarem construções deste tipo, substituindo *a gente* por *nós*. Contudo, de acordo com a teoria de verificação de traços, a não verificação deveria gerar agramaticalidade e não a variação atestada.

(64) a. *Domínio para ligação:* domínio de regência.
b. *Domínio para concordância:* concordância especificador núcleo.

Esta diferenciação de domínios permitiria explicar que *a gente* possa desencadear concordância singular com a expressão anafórica e concordância plural com o predicado num domínio que aparentemente é o mesmo. Dado que o que conta como domínio para cada um dos processos é diferente, espera-se encontrar comportamentos diferentes.

Esta hipótese contém um problema, nomeadamente o de saber por que motivo a concordância verbal e a do predicado podem não coincidir.

b) *Autonomia de traços e inserção lexical tardia:*

Outra hipótese que nos parece viável é assumir que os traços associados ao pronome *a gente* não funcionam como um conjunto, mas podem ter funcionamento autónomo. Esta hipótese parece-nos interessante, dado que uma expressão como *vocês*, cujos traços semântico-discursivos também não são coincidentes com os traços gramaticais, não levanta problemas do tipo identificado:

(65) a. Vocês estão interessados.
b. Vocês estão interessadas.
c. *Vocês estão interessado.
d. *Vocês estão interessada.

O paradigma em (65) mostra que as formas singulares nunca são seleccionadas. À primeira vista, isto é esperado, uma vez que não existe qualquer razão gramatical ou discursiva para seleccionar a forma singular. Recorde-se, no entanto, que a forma singular masculina pode ser seleccionada com *a gente*. Assim, parece-nos legítimo assumir que, havendo concordância de número não problemática, o padrão de concordância se simplifica substancialmente. Esta diferença entre *a gente* e *vocês* pode indiciar uma diferença de comportamento entre os traços de género e os traços de número, favorecendo uma hipótese de acordo com a qual os vários traços se comportam de uma forma diferente. Suponhamos então que os traços de género e número gramaticais e discursivos têm um estatuto autónomo, podendo entrar autonomamente em relações de verificação. Parece-nos que esta assunção deriva os padrões encontrados. Note-se que os traços gramaticais são sempre verificados em Infl, o que condiciona a concordância verbal e a selecção da forma anafórica. A forma predicativa assumiria os traços resultantes do conjunto de traços que podem autonomamente entrar em processos de verificação.

Note-se que esta hipótese ainda não explica o padrão de concordância de feminino singular, dado que não há uma concordância total em termos de traços discursivos. Eventualmente, este pode ser um domínio em que existe um cruzamento de traços discursivos com traços gramaticais. Além disso, esta hipótese só é viável assumindo-se o modelo de inserção lexical tardia de Halle e Marantz (1993), uma vez que o padrão de concordância encontrado é uma consequência do conjunto de traços activado.

Apesar de não resolver o problema, parece-nos que uma análise deste tipo poderá estar no caminho certo, uma vez que permite a dissociação da concordância verbal e da concordância com o predicado, atribui um estatuto autónomo aos vários traços relevantes,

incorpora no modelo que assume a teoria de verificação de traços não só os traços gramaticais como os traços discursivos e permite dissociar a concordância anafórica da concordância com o predicado da *small clause*.

Referências:

Barbosa, Pilar. 1995. Null Subjects. Dissertação de doutoramento, MIT

Chomsky, Noam. 1981. Lectures on Government and Binding. Foris, Dordrecht

Chomsky, Noam. 1986. Knowledge of Language. Its nature, origin and use. Praeger, New York

Chomsky, Noam. 1995. The Minimalist Program. MIT Press, Cambridge

Galves, Charlotte. 1993. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In Kato, Mary e Ian Roberts (eds) Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica. Editora de Campinas, Campinas

Halle, M. e A. Marantz. 1993. Distributed Morphology. In Keyser, J. (ed) The view from building 20. Cambridge, MIT Press

Lopes, Célia. 1999. A inserção de *a gente* no quadro pronominal português: percurso histórico. Diss. de doutoramento, UFRJ

Menuzzi, Sérgio. 1999. Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese.

Dissertação de doutoramento, HIL/Leiden University

Menuzzi, Sérgio. 2000. First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: chains and constraint interaction in binding. in João Costa (ed) Portuguese Syntax. New Comparative Studies. Oxford University Press

Montalbetti, Mario. 1984. After Binding: on the interpretation of pronouns. Dissertação de doutoramento, MIT

Moura, D. 1998. O caráter variável da regra de concordância verbal no PB. UFC: Revista LETRAS (no prelo).

Moura, D. 1999. L'accord sujet-verbe dans la langue parlée en Portugais Brésilien et en Français Contemporain. Canada, York University, NWAVE-28, 14-17.10.1999.

Naro, A. J. 1981. The social and structural dimensions of a syntact change. Language, 57: 63-98.

Naro, A. J. & Scherre, M. M.(1996). Disfluences in the analysis of speech data. Language Variation and Change. Volume 8, number 1: 1-12.

Omena, N.P. de & Braga, M. L. 1996. A gente está se gramaticalizando? In: Macedo, A. T. de et al. Variação e Discurso. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1996: 75-83.

Pereira, Sandra. 2001. *A gente: acordos e desacordos*. Trabalho de Seminário de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Santos. M. B. dos. 1999. A variação da concordância verbo-sujeito na língua falada de crianças de 1ª à 5ª série do 1º grau. Dissertação de Mestrado/UFAL.

Tavares Silva, C. 1999. A concordância verbal na fala de profissionais liberais da cidade de Maceió/Al. Monografia de Iniciação Científica, UFAL/CNPq.